Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

A GEOGRAFIA NO MUSEU: proposta teórico-metodológica de ensino do conceito de Paisagem[1]

Heitor Silva Sabota
hssabota@hotmail.com

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professor da Secretaria de Estado da Educação de Goiás (SEDUCE-GO).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8662-2681

RESUMO

Este texto sistematiza as etapas e os resultados de uma proposta teórico-metodológica destinada a alunos do terceiro ano do ensino médio da Rede Pública do Estado de Goiás, realizada em um ambiente museológico. A atividade ocorreu no ano de 2018 e teve como objetivo principal contextualizar dois conteúdos presentes na grade curricular da rede: aspectos geográficos do Estado e o conceito de paisagem. A proposição partiu do princípio que é possível realizar uma prática educativa geográfica em um museu, adotando uma sequência de etapas que visam promover o entendimento processual do conceito de paisagem, mediadas pelo acervo local, que reúne características históricas e geográficas do Estado de Goiás. Desta forma, estão elencadas no texto o detalhamento dos momentos e etapas referentes à execução da atividade, combinadas com a análise dos resultados observados. No decorrer da realização da proposta teórico-metodológica foi possível construir um elo entre as modalidades formal e não formal de ensino, no qual teve como ponto central o desenvolvimento de habilidades e operações mentais presentes no ensino de Geografia. Ao final, foi possível obter como resultado a identificação dos princípios inerentes a leitura espacial e geográfica que tiveram mais destaque por parte dos alunos e qual foi o benefício deste tipo de atividade para a prática docente.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia, Paisagem, Goiás, Museu.

[1] Esta proposta teórico-metodológica foi idealizada e aplicada em 2018 e serviu como campo experimental para a elaboração do Capítulo "Ensino da Paisagem: o museu como espaço educativo" (SABOTA, 2019).

GEOGRAPHY IN THE MUSEUM: theoretical-methodological proposal for teaching the concept of landscape

ABSTRACT

This article brings together stages and results of a school activity aimed at students in the last stage of high school at a Public-School in Goiás, carried out in a museum. The activity took place in 2018 with the objective of contextualizing two subjects present in the curriculum: regional geographic aspects and landscape concept. This activity was based on the principle that it is possible to carry out a geographical educational practice in a museum, executing a sequence of steps whose objective is to promote the procedural learning of the landscape concept, mediated by the museum's collection, which brings together historical and geographical characteristics of the State of Goiás. This article lists the details of the moments and steps related to the execution of the activity, combined with the analysis of the observed results. During the activity, it was possible to establish a collaboration between two teaching modalities, which focused on the development of skills and mental operations inherent in the teaching of Geography. As an outcome of the activity, it was possible to identify the principles inherent to spatial and geographic reading which had the greatest use by the students and the benefits of this type of activity for teaching practice.

KEYWORDS

Geography, Landscape, State of Goiás, Museum.

Introdução

O presente texto apresenta uma proposta de atividade aplicada em uma unidade escolar relacionada à compreensão do conceito de paisagem para o ensino de Geografia, articulada com os conteúdos curriculares sobre aspectos geográficos do estado de Goiás. Essa proposta se originou a partir de um levantamento sobre os conhecimentos prévios dos alunos do Ensino Médio, onde foi observado que a compreensão do conceito e dos conteúdos relacionados à paisagem carecia de fundamentos e princípios essencialmente geográficos.

No sentido de aprofundar o conhecimento e extrapolar a superficialidade de compreensão conceitual dos discentes, foi desenvolvida uma prática educativa cujo objetivo foi construir o conhecimento geográfico, a partir da problematização dos aspectos espaciais sobre o território goiano[2]. Para isso, foi realizada uma proposta teórico-metodológica que combinou a leitura e a análise da paisagem com uma visita a

[2] Ao longo deste trabalho, o termo território goiano será entendido e concernido como Unidade Federativa, aplicando a definição de uso político-administrativo da categoria.

um espaço museológico, na perspectiva de contribuir com o desenvolvimento de princípios e operações mentais presentes nos conhecimentos geográficos.

O uso do conceito paisagem na atividade se fundamentou em Santos (1985), ao considerar que o espaço geográfico resultou de processos produtivos que ocorreram em diversos tempos, sendo que a "paisagem é o resultado cumulativo desses tempos" (SANTOS, 1985, p. 49). Desse modo, a compreensão de como se estabeleceu a organização espacial do estado de Goiás deve ser precedida de uma interpretação do processo dialético entre formas, estruturas e funções através do tempo (id., p. 50). Tomando essas ideias como referência, a proposta de atividade teve como pressuposto inicial que compreender os conteúdos geográficos, a partir do conceito de paisagem, também, significa compreender a origem, organização e transformação do espaço geográfico.

Para alcançar tal propósito, surgiu naquele contexto da unidade escolar a possibilidade de se realizar uma atividade direcionada ao ensino de Geografia em ambiente museológico, como modo de se problematizar o uso do conceito de paisagem para o entendimento do espaço geográfico. Assim, o desenvolvimento da proposta teórico-metodológica permitiu não apenas contextualizar as formações e transformações das paisagens, mas também auxiliar na construção do olhar geográfico, a partir da leitura espacial do registros históricos-temporais-naturais de uma localidade.

O local onde a atividade foi realizada trata-se do Museu Zoroastro Artiaga, localizado na região central da cidade de Goiânia-GO. Essa instituição possui um acervo tematizado sobre a origem e configuração do espaço goiano, possibilitando a abordagem de diversos assuntos geográficos, tais como os aspectos físico-naturais, socioculturais e socioeconômicos do Estado. A partir de uma visita prévia de reconhecimento ao museu, por parte do docente, foi observado que esse local poderia ser explorado com maior eficiência pedagógica pelos sujeitos escolares, sobretudo quando se pretende dar ênfase a leitura geográfica de acontecimentos e/ou fenômenos socioespaciais.

A realização deste tipo de atividade permitiu ao docente proponente utilizar o entendimento sobre a paisagem para desenvolver com os estudantes o conhecimento geográfico, mobilizando as operações mentais de identificação, análise e síntese. A atividade também convergiu para a Competência Específica de número 1 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio da Base Nacional Comum Curricular

(BNCC)[3], pois permite identificar os diferentes processos inerentes a organização espacial e em diferentes escalas (BRASIL, 2018).

Embora essa prática educativa, elaborada inicialmente para atender uma demanda curricular local, essa atividade pode colaborar com outros temas inerentes à Geografia escolar, pois problematiza o uso de um conceito reiteradamente presente na construção do conhecimento geográfico, além de apresentar possibilidades de atuar em diálogo com outros espaços educativos.

A prática educativa teve como público participante os alunos do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Carlos Alberto de Deus, da cidade de Goiânia-GO. A definição do público-alvo se deve a orientação curricular disposta na rede pública estadual vigente durante o período da proposta teórico-metodológica, na qual a abordagem sobre as categorias de análise do espaço geográfico deve ser realizada no início desta etapa de ensino, enquanto os assuntos referentes à dinâmica espacial de Goiás são indicados para serem trabalhados apenas no último semestre letivo da série final. Assim, a atividade possibilitou aos estudantes compreenderem os conteúdos referentes ao Estado, a partir da retomada do conceito de paisagem.

O texto está estruturado em três seções principais. A primeira apresenta uma discussão sobre a importância de se trabalhar com o conceito de paisagem no ensino escolar em diálogo com museus, contextualizando com uma atividade cuja finalidade é estabelecer um diálogo entre instituições formais e não formais de ensino. Na segunda seção é detalhada a estrutura da atividade proposta, identificando os momentos e as etapas de cada ação realizada, combinada com os relatos dos resultados obtidos durante a realização desta proposta. Por fim, nas considerações finais, são elencadas conclusões gerais da execução da atividade e quais foram as contribuições para a aprendizagem geográfica.

Trabalhando com o conceito de paisagem e o museu no cotidiano escolar

Inicialmente, parte-se do fato que a presente prática educativa foi idealizada tendo como base experiências anteriores realizadas pela unidade de ensino em diferentes espaços de Ensino Não Formal, os quais apresentaram resultados considerados não

[3] Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos. Desse modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista. Tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica (BRASIL, 2018).

satisfatórios. Nessas ocasiões, era comum os alunos adotarem uma postura pouco proativa e reflexiva durante as visitas em algum museu ou outro tipo de espaço educativo, assumindo um papel de mero receptor de informações. Outro ponto crítico observado, era que os momentos em ambientes externos à escola envolviam vários componentes curriculares, inclusive de áreas diferentes, porém sem articulação e diálogo sobre o assunto abordado, gerando o isolamento disciplinar.

Diante destas posturas anteriormente observadas, decidiu-se incluir no planejamento anual de atividades da escola a visita a um espaço museológico, mantendo o caráter interdisciplinar, envolvendo, nesse caso, apenas a área de Ciências Humanas. A partir desta inclusão, foi possível organizar a proposta teórico-metodológica que contemplou às demandas da disciplina de Geografia, bem como propiciou momentos de interação dos alunos com o espaço museológico.

A preparação da prática educativa considerou duas expectativas de aprendizagem previstas no Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás (GOIÁS, 2013)[4]: Entender que a Paisagem é o ponto de partida para o estudo do espaço geográfico (p. 228); e Identificar as principais características naturais, sociais, culturais e econômicas do estado de Goiás, compreendendo-o como parte integrante do espaço brasileiro, e as diferenças entre Goiás e as demais unidades da Federação (p. 234).

Em relação a abrangência dos conteúdos geográficos no arranjo curricular, a matriz da rede estadual prevê a abordagem sobre as categorias de análise espacial no primeiro ano do Ensino Médio, configurando-se como conteúdos basilares desta fase da escolarização, com relativo destaque para a paisagem.

De acordo com o currículo referência disponibilizado pela rede, a categoria é tratada como ponto de partida para a compreensão dos fenômenos espaciais (Ibid., p. 233). No entanto, nota-se que esse próprio currículo não proporciona a construção de uma sequência didática capaz de promover o entendimento processual da categoria, possibilitando que a abordagem didática sobre paisagem seja trabalhada de forma isolada ao longo da disciplina.

Além disso, a matriz curricular também prevê, ao final do Ensino Médio, abordagem sobre os aspectos geográficos do Estado de Goiás. Entretanto, a proposição dos conteúdos não permite a construção de uma sequência didática contínua, ou seja,

[4] A Matriz Curricular do Estado de Goiás está estruturada da seguinte forma: Expectativas de Aprendizagem (entendidos como objetivos específicos de aprendizagem); Eixo Temático, único para todos os anos do Ensino Fundamental e Médio; e Conteúdos (entendidos como Objetos do Conhecimento). Embora o currículo seja referente ao ano de 2013, esse continua em vigência formal e informal. A bimestralização curricular elaborada conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Reforma do Ensino Médio começou a ser adotada somente no ano letivo de 2022, apenas para o Primeiro Ano do Ensino Médio. Além disso, em nos casos de lacunas ou divergências nos planejamentos escolares. a recomendação repassada às escolas é que se utilize a matriz curricular de 2013 de maneira complementar.

com encadeamentos de conteúdos e sem quebras de assuntos. Assim, nota-se a necessidade de se construir uma contextualização que consiga contemplar melhor a proposta curricular, articulando o conceito de paisagem com os aspectos geográficos de Goiás.

Para trabalhar com os alunos a paisagem nas aulas de Geografia do Ensino Médio, foi preciso considerar que os aprendizes possuem uma concepção anterior sobre a definição desse conceito, construída ao longo de sua formação escolar e/ou no seu cotidiano, muitas vezes, diretamente ligada apenas ao aspecto visual da paisagem, algo relativamente recorrente em diversos ambientes escolares. Sob este aspecto, Felício (2021, p.36) traz o seguinte apontamento.

> De todo modo, são comuns as definições de paisagem tomando como referência o visual, ou conceituações como aquilo que vemos, o cenário da cidade e as formas naturais do espaço, que em sua composição produzem um efeito estético agradável. O fato de ligar a paisagem apenas ao visual deve despertar outra preocupação, relacionada à segregação de parte da sociedade, que apresenta limitação visual, seja ela parcial, seja total, excluindo-a da capacidade de entendê-la a partir de sua percepção.

Tal situação condicional fez com que a atividade proposta apresentasse uma abordagem teoricamente mais cautelosa, pois existia na ocasião a possibilidade de se ter dentro do ambiente escolar outros entendimentos sobre o conceito, próximo do sentido toponímico da palavra, cuja ausência de uma contextualização teórica poderia causar um distanciamento de uma abordagem geográfica.

Diante deste panorama, foi oportuno para a execução da prática recorrer à literatura acadêmica na aplicação de algumas vertentes do conceito de paisagem para estabelecer uma fundamentação teórica para a atividade. Assim, destaca-se a contribuição de Maciel e Lima (2011, p. 11) ao discorrerem sobre o assunto.

> Nesse contexto, paisagens são, em quase todas as abordagens dos séculos XIX, XX e XXI, entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade e, se compreendidas como portadoras de funções sociais, não são produtos, mas processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes. E estudá-la é antes de tudo apresentar um problema de método.

Sobre este aspecto considerado pelas autoras, versar o ensino da categoria para o entendimento de diversos conteúdos curriculares escolares seria um caminho viável dentro da prática docente realizada.

Bertrand (2007) afirma que a paisagem pode assumir características dialéticas, por simultaneamente apresentar contrastes empíricos, ora carregando sentido opostos. Desta forma, a paisagem pode reunir condições sociais e naturais, espaciais e temporais, reais e simbólicas ou materiais e culturais. Em outra oportunidade o autor discorreu sobre o conceito:

> A Paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da Paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. A dialética tipo-indivíduo é próprio fundamento do método de pesquisa (BERTRAND, 2004 p. 141).

Deste modo, o autor considera que o conceito de paisagem se trata de uma porção do espaço resultante de algumas atividades, portanto, em constante transformação. Trazendo essa definição para a perspectiva do ensino de Geografia e aplicando-a como conteúdo problematizador, a paisagem se revela como a relação entre o ser humano e a natureza, onde os indivíduos se apropria do meio natural a partir de ações laborais que transformam o espaço e o projetam como algo inato aos sujeitos.

No ensino de Geografia, Cavalcanti (2011) destaca uso da paisagem como elemento inicial de compreensão do lugar, ou seja, o ponto de partida para a compreensão espacial. Ainda de acordo com a autora (id., 1998), fundamentada em Santos (1988), tratar da paisagem no ensino pode ser algo adequado quando se objetiva estabelecer aproximações com o real a ser estudado.

Para Santos (1986) não há razão para estudar o espaço geográfico tendo como explicação a gênese dos próprios componentes que originam as paisagens, pois isso "seria adotar uma metodologia puramente formal, espacista, ignorando os processos que ocasionaram as formas" (id., p. 40). Deste modo, trabalhar a paisagem nas atividades escolares torna-se importante, pois a partir dela é possível projetar a compreensão da complexidade espaço-temporal envolvida na formação e configuração do espaço geográfico.

Por se tratar de uma definição abrangente, formada por diversos elementos, sendo estes naturais, antrópicos, culturais, sociais e econômicos, o conceito foi escolhido durante o processo de ensino para ser a mediadora do conhecimento dos conteúdos de Geografia de Goiás. Isto se deve ao fato de que os componentes da paisagem estão em constante processo de modificação, podendo assim facilitar a compreensão dos alunos

sobre a criação do espaço goiano e as constantes transformações ocorridas ao longo do tempo.

Como a compreensão do conceito envolve o entendimento de sucessivos fatores dinâmicos, o espaço educativo de um museu pode ser plenamente aproveitado e explorado em atividades de cunho geográfico. Isto porque uma das características dos museus é a sistematização de eventos e fenômenos físicos, sociais e culturais para os seus visitantes de maneira categorizada.

Desta forma, o visitante de um museu tem a oportunidade de construir entendimento de um tema a partir das informações apuradas por ele, pela interação com o acervo, como um exercício contínuo de idealização e participação ativa. Para promover o envolvimento e a criatividade do público, os espaços museológicos oferecerem indiretamente possibilidades para os visitantes poderem participar efetivamente do processo formativo próprio, estabelecendo percursos instrutivos de acordo com os interesses do visitante, construindo e estabelecendo relações e análises sobre determinado assunto a ser divulgado pelo local.

Esta condição converge para uma das características deste tipo de ambiente educativo, que é se organizar de maneira mais difusa e menos burocrática e verticalizada, proporcionando maior interação entre comunidade, cultura, prática social e construção do conhecimento.

Os museus fazem parte da denominada Educação Não Formal, cuja principal diferenciação está no fato de ser sistematizada e ofertada fora do ambiente escolar. Embora aconteça em espaços e tempos diferentes, a modalidade da Educação Não Formal em nenhum momento pode ser considerada como sucessora ou alternativa à educação escolar, mas complementar. Trilha (1999) defende a realização de um diálogo entre as formas de ensino, caracterizadas como Formal, Não Formal e/ou Informal. Esta aproximação ocorreria por meio de ações que proporcionariam o direito de acesso à formação dos cidadãos ao longo da vida desses indivíduos.

Nesse sentido, as atividades realizadas nas escolas podem apresentar limitações de ordem estrutural ou material e, por conta disso, nem sempre oportunizam aos alunos uma experiência de aprendizagem que mobilize os sentidos e a noção de construção e/ou transformação do espaço. Deste modo, construir o entendimento da paisagem por meio de um museu é promover abordagem em um campo de vivência prática e experimental.

Apesar deste amplo campo de possibilidades de se trabalhar conjuntamente entre Escolas e Museus, contextualizar geograficamente uma atividade em ambiente

museológico requer atenção crítica, pois pode inserir no processo de aprendizagem dos educandos, de maneira inconsciente, a ideia de que houve apenas um passado. Santos (2002) adverte para este fato, principalmente quando se trabalha com paisagem. Segundo o autor "se quisermos interpretar cada etapa da evolução social, cumpre-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam juntamente com a história tal como a sociedade escreveu" (id., p. 103).

Diante deste contexto teórico, a necessidade de se realizar uma atividade que articule conteúdos sobre a organização espacial local com o conceito de paisagem foi oportuna para o momento da escola, pois buscava-se o envolvimento maior dos alunos com as atividades externas, bem como a mobilização de objetos do conhecimento presentes na Geografia Escolar de maneira mais contextualizada. Isso foi possível, uma vez que este tipo de atividade auxiliou no desenvolvimento dos princípios e fundamentos da ciência geográfica com os conteúdos considerados geográficos, perpassando por algumas operações mentais inerentes a este processo, como a observação, sistematização, análise e correlação.

Encaminhamentos da atividade: compreendendo a paisagem a partir do Museu

Trabalhar com paisagem em sala de aula é um momento desafiador, tanto para o docente quanto para os alunos. Isso ocorre devido aos aspectos epistemológicos inerentes ao conceito, onde o professor tem que se atentar durante a sua abordagem, assim como também as concepções trazidas pelos discentes, que na maioria das vezes estão carregadas de elementos do senso comum. Somado a isso, tem-se também o conceito apresentado pelos materiais didáticos, em que a abordagem geralmente acontece sob reduzidos recortes. Esse contexto pode ser observado no trabalho de Mendes, Oliveira e Morais (2016) em que destacam, a partir de um levantamento sobre a abordagem do tema Cerrado em livros didáticos de Geografia, que o conceito de paisagem é a referência teórica mais utilizada para as definições e abordagens sobre os conteúdos inerentes à caracterização físico-natural dos diferentes domínios morfoclimáticos.

Freire (2018) também destacou em sua investigação a recorrência de recortes temáticos sobre a categoria paisagem em materiais didáticos do Ensino Médio, ao fazer um levantamento de como esse conceito é abordado nos livros e no trabalho de professores. A autora considerou como é a perspectiva do conceito de paisagem

apresentada em 7 coleções didáticas para o Ensino Médio, aprovadas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) de 2015. Neste estudo, identificou-se o recorte estanque e temáticos do conceito, apresentado apenas como um dos conteúdos básicos da Geografia, sendo o seu uso predominante nas seções introdutórias dos volumes destinados ao 1º ano do Ensino Médio.

Desta forma, a prática educativa proposta visou trabalhar os conteúdos relacionados aos diferentes aspectos geográficos do Estado de Goiás, a partir de uma abordagem complementar aos materiais didáticos. Neste caso, será utilizado o ambiente e o acervo do Museu Zoroastro Artiaga, na intenção de problematizar o processo de formação das diversas paisagens presentes no espaço goiano.

Para isso, os alunos foram instigados a realizarem uma análise dos itens expostos no acervo, o qual possibilita construir o entendimento sobre as origens, configurações e alterações das paisagens representadas naquele espaço.

A atividade proposta foi estruturada em cinco etapas, dividida em três momentos distintos: preparação inicial em sala de aula, atividade prática em ambiente externo à escola e retorno ao espaço escolar para avaliação. É importante salientar que as etapas tiveram por finalidade compreender, inicialmente, como o conhecimento está previamente estruturado, para depois levantar problematizações acerca do exposto, organizando uma reflexão sobre a compreensão preliminar dos alunos e, por fim, avaliar qual foi o grau de colaboração da ação pedagógica para a aprendizagem do conceito e dos conteúdos.

Primeiro Momento – A paisagem em sala de aula

A atividade iniciou com a sistematização verbal realizada pelos alunos de uma paisagem que no entendimento deles pudesse transmitir as características culturais, sociais, econômicas ou ambientais do estado de Goiás. Em seguida os alunos participantes fizeram uma breve apresentação sobre as paisagens que cada grupo escolheu, identificando a localização desta paisagem, os critérios de escolha e o que mais chamava a atenção do grupo.

Essas duas primeiras etapas propiciaram a identificação de como o conceito de paisagem foi trabalhado durante a formação escolar dos alunos, além de saber as leituras preliminares dos estudantes sobre os conteúdos de Geografia de Goiás que subsidiaram o entendimento do conceito de paisagem.

A realização destas duas etapas iniciais teve por princípio, além do diagnóstico sobre o entendimento inicial do conceito de paisagem, proporcionar o envolvimento dos participantes de maneira mais propositiva com a atividade, pois houve a formulação de um produto inicial e a sua socialização como os colegas de atividades, conforme o quadro 01 a seguir.

Quadro 01: Estrutura e desenvolvimento da proposta pedagógica
"A paisagem em sala de aula" - primeiro momento

Etapas	**Primeiro Momento – A paisagem em sala de aula.**		
	Descrição	**Objetivo**	**Ação**
Primeira	Sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito da paisagem.	Solicitar para os alunos a sistematização de uma paisagem que pudesse representar algum aspecto geográfico do Estado de Goiás.	Produção textual de uma paisagem que seja significativa para o grupo e que tenha contextualização com o Estado de Goiás.
Segunda	Exposição socializada das sistematizações produzidas pelos grupos.	Socializar com os colegas as paisagens que cada grupo sistematizou, identificado a localização e os critérios de escolha.	Verbalização da produção textual dos sujeitos participantes
Terceira	Apresentação de algumas definições de autores da Geografia sobre paisagem.	Debater com os participantes da atividade a definição do conceito de paisagem e demonstrar que este conceito está ligado à ideia de transformação.	Leitura coletiva dos conceitos de alguns autores que demonstrem a condição de transformação do espaço.

Org.: Elaboração própria. Sabota, 2022

Deste modo, ao apresentar as paisagens, foi possível identificar as noções e as bases teóricas das definições apresentadas pelos alunos. Além disso, essa etapa também possibilitou levantar quais eram os conhecimentos prévios dos alunos em relação aos conteúdos geográficos do estado de Goiás, identificando a fonte de informação utilizadas por eles ao apresentar suas concepções sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Na etapa a seguir houve uma problematização inicial do docente, apresentando aos alunos algumas definições de paisagem, seguida de um debate sobre como tais conceitualizações poderiam auxiliar na classificação das paisagens apresentadas por eles, evidenciando o caráter processual do conceito. Com isso foi possível, também, introduzir uma discussão a respeito da formação e transformação da paisagem, dando ênfase sobre os agentes e elementos envolvidos neste processo.

Neste momento, os alunos foram provocados a refletir sobre o que apresentaram. Foi destacada na oportunidade que o conceito de paisagem está diretamente ligado a ideia de dinâmica espacial decorridas ao longo do tempo histórico, destacando que o conceito é bastante utilizado para expressar a constante transformação do espaço geográfico, pois é na paisagem que se evidencia o surgimento processual dos componentes naturais e/ou humanizados presentes nas diferentes espacialidades.

Com a realização deste primeiro momento os alunos resgataram, inicialmente, concepções prévias sobre a paisagem e o conteúdo problematizado e imediatamente foram provocados à reflexão sobre como os seus conhecimentos estão estruturados e, ao mesmo tempo, terem a noção da amplitude da definição. Este resgate é importante, pois instiga-se aos alunos desenvolverem um novo entendimento sobre o conceito de paisagem, sobretudo o que ele representa sobre o espaço geográfico e suas transformações. Além disso, permite também que se trabalhe com os princípios de localização, diferenciação e distribuição presentes no raciocínio geográfico.

Segundo Momento – A Paisagem no Museu

O segundo momento se refere à visita ao museu. Neste momento da atividade, os alunos participantes foram orientados a percorrer todo o circuito local para coletarem informações para a próxima parte da atividade, em que as sistematizações das paisagens do Estado de Goiás serão reelaboradas. Esta etapa foi integralmente realizada no campo externo da unidade escolar e teve como finalidade o incentivo de uma conduta ativa dos alunos, instigando-os a construir um olhar geográfico, por meio da interação com o acervo do museu, conforme detalhamento abaixo (ver quadro 02).

Neste momento é importante estruturar um roteiro prévio para evitar dispersão ou uma atitude pouco proativa dos alunos participantes. Para isso, em qualquer atividade fora do ambiente escolar é preponderante que o professor conheça previamente o local da atividade para levantar informações sobre a referida temática, visando a possibilidade de estabelecer itinerários e percursos formativos para melhor auxiliar os alunos na execução da prática proposta.

Quadro 02: Estrutura e desenvolvimento da proposta pedagógica
"A paisagem em sala de aula" - segundo momento

Etapa	Segundo Momento – A paisagem no Museu		
	Descrição	**Objetivos**	**Ações**
Quarta	Visita ao Museu Zoroastro Artiaga.	Orientar os alunos a interagirem com o circuito do museu para o levantamento de informações relativas às diferentes paisagens que compõem o espaço goiano; Reelaborar nova sistematização de paisagem após o debate produzido na etapa 3 e a visita ao espaço.	Registro de imagens e informações relacionadas ao conteúdo da atividade. Nova sistematização das paisagens com ênfase no processo de classificação e transformação delas.

Org.: Elaboração própria. Sabota, 2022

Ao utilizar o circuito do museu como recurso didático foi possível estabelecer a construção do conhecimento de modo mais contextualizado com os objetivos da disciplina, proporcionando aos alunos condições de perceberem as alterações e configurações em diferentes paisagens localizadas no Estado e, ao mesmo tempo, mobilizar alguns princípios do raciocínio geográfico.



Figura 1: Alunos interagindo com o museu,
adotando uma postura de busca por elementos geográficos do acervo
Fonte: Sabota, 2018

Alguns destes princípios, como a localização e a extensão, foram possíveis de serem identificados em algumas seções do museu visitado, cuja abordagem disposta em parte do acervo permitiu um alinhamento com a disciplina de Geografia. Isso ficou registrado na imagem a seguir (figura 02), em que os alunos participantes direcionaram interesse às peças e representações do acervo que retratassem a localização e a amplitude territorial do Estado, como os produtos cartográficos.

Com as informações presentes no acervo, o público visitante teve condições de explorar a caracterização física e ambiental de Goiás, tal como seus processos de transformação e degradação, passando pelas diferentes formas de ocupação, organização e produção do espaço goiano. Também foi possível compreender durante a visita ao museu como ocorreu o processo de configuração sociocultural do Estado e a sua influência na dinâmica territorial.



Figura 2: Alunos participando da atividade no Museu Zoroastro Artiaga, identificando no acervo os princípios da localização e extensão geográfica
Fonte: Sabota, 2018.

A partir dos conteúdos levantados no acervo do museu sobre os aspectos naturais, culturais, étnicos e históricos do Estado foi possível construir uma perspectiva mais fundamentada sobre como as paisagens se configuram, demonstrando que elas carregam características espaço-temporais presentes ao longo do desenvolvimento do território goiano. Além disso, os conteúdos desse acervo puderam mobilizar os princípios da conexão, extensão e da analogia dos fenômenos e acontecimentos retratados por esse espaço museológico, permitindo uma interpretação geográfica. Assim, os sujeitos participantes tiveram subsídio geograficamente respaldado para a etapa seguinte.

Terceiro Momento – Avaliação da Atividade

No último momento da atividade, ocorreu a reelaboração da sistematização da paisagem, a partir do que foi observado no museu, destacando principalmente o processo de formação e transformação do espaço goiano. A função avaliativa do instante final da proposta teórico-metodológica foi concretizada pela operacionalização da habilidade de síntese, em que as informações coletadas pelos alunos foram organizadas de maneira expositiva, constituindo o produto da atividade.

Com os conteúdos dispostos no quadro síntese, foi possível notabilizar o avanço obtido quanto ao entendimento da categoria paisagem, bem como a pertinência agregada para a formação dos alunos, após vivenciar a experiência no museu, conforme o detalhamento do quadro 03, a seguir.

Quadro 03: Estrutura e desenvolvimento da proposta pedagógica
"A paisagem em sala de aula" - terceiro momento

Etapa	**Terceiro Momento – Avaliação da Atividade**		
	Descrição	**Objetivos**	**Ações**
Quinta	Produção de um quadro temático síntese após a realização da atividade.	Avaliar o aproveitamento da atividade realizada pelos alunos; Verificar a construção do conceito de paisagem e dos conteúdos problematizados.	Socialização das sistematizações produzidas a partir da elaboração do quadro síntese, após os debates do primeiro momento e as atividades realizadas no museu.

Org.: Elaboração própria. Sabota, 2022

Esta reelaboração foi sistematizada em um painel síntese com o objetivo avaliativo, no qual foi possível verificar a aprendizagem, a partir dos registros textuais, fotográficos e verbais das experiências dos alunos durante a prática educativa. Com base nestes apontamentos, elaborou-se um diagnóstico sobre o entendimento global do conceito de paisagem, bem como a identificação de qual vertente teórica teve o maior destaque para os alunos.

Nesta etapa final, os grupos apontaram o tipo de paisagem escolhida, atentando-se para as etapas do processo de transformação, além de classificar e identificar quais foram às atividades geradoras da alteração espacial, mobilizando o princípio da ordem ou arranjo espacial, considerado um dos mais complexos do raciocínio geográfico.

Acerca desta complexidade em mobilizar este princípio em diálogo com a categoria paisagem, Castellar e Juliasz (2018, p. 172) destacam:

> Primeiro é preciso localizar o fenômeno paisagem. O conjunto das localizações dá o quadro da distribuição. Vem, então, a distância entre as localizações dentro da distribuição. E com a rede e conexão vem a extensão, que já é o princípio da unidade do espaço. A seguir, vem a delimitação dos recortes da extensão, surgindo o território. Esse é considerado um método de análise para a Geografia e o trabalho de campo contribui para essa percepção, isto significa que essa análise é importante para o entendimento dos conceitos de território e paisagem.

Frente aos diversos pontos que devem ser observados durante o trabalho com a categoria paisagem, as autoras destacam que o emprego do trabalho de campo metodologia de formação capaz de mobilizar as operações cognitivas exigidas para a aprendizagem do conceito de paisagem. Isso de certa forma encontrou correspondência com a proposta teórica-metodológica aplicada, pois esta também pode ser considerada como um exercício de campo prático e teórico.

Após todas as etapas da atividade realizadas, pode-se destacar alguns pontos de destaque da abordagem, visando o desenvolvimento de futuras práticas educativas. Por exemplo, ao trabalhar o conceito de paisagem no ambiente do museu, notou-se que os alunos tinham o conhecimento prévio do conceito durante a sua formação e, consequentemente, não se tratava de algo completamente desconhecido. Deste modo, a atividade teve como finalidade esclarecer e demonstrar outras dimensões do conceito e, ao mesmo, tempo identificar como este vem sendo construído pelos estudantes ao longo de sua trajetória escolar.

Com a atividade também foi possível apontar que as noções de paisagem apresentadas por parte considerável dos alunos estavam circunscritas à caracterização física-natural do espaço geográfico. Isto ficou evidente quando os participantes, durante a primeira parte da atividade, apresentavam paisagens majoritariamente constituídas por elementos físicos do espaço, tais como as variadas formas de relevo, diferentes formas vegetação ou elementos hidromorfológicos (rios, cachoeiras, etc.).

Como consequência a este entendimento inicial, os alunos também apresentaram um fragmentado entendimento de transformação da paisagem, associado diversas vezes como sinônimo de degradação ambiental, excluindo deste processo a própria ação da natureza. Também pode ser percebido que a noção de transformação da paisagem é vinculada as mudanças ocorridas em curto intervalo de tempo, desconsiderando outras dimensões e escalas temporais.

Estas percepções notadas nas falas dos alunos convergem para fato de que o entendimento da paisagem, predominantemente vinculado aos aspectos físicos-naturais do espaço, pode ser resultante de um recorte temático da categoria, que desconsiderou a significativa quantidade de paisagens humanizadas no espaço geográfico e, consequentemente, ignorou a importância das dinâmicas históricas, sociais e culturais durante o processo de formação da paisagem.

Isso fica registrado na imagem da figura 02, pois dentre as diversas seções do museu, aquelas destinadas a caracterização físico-natural do espaço despertou maior interesse dos alunos.



Figura 3: O alunos interagindo com o acervo do museu,
cuja atenção foi para a seção "o espaço natural"
Fonte: Acervo do autor. Sabota, 2018

Outra questão identificada foi o significado de paisagem para alguns alunos. Para parte dos participantes da atividade a definição do conceito seria uma forma de categorizar o espaço geográfico a partir de uma adjetivação aparentemente harmônica, corroborando para o entendimento dentro do senso comum de que a definição trata-se apenas do que é belo e bucólico ao observador.

Dentro desta perspectiva, nota-se que tal interpretação ainda permanece consolidada para o público escolar participante, pois ao instigar os alunos se as paisagens que eles sistematizaram poderiam sofrer algum tipo de transformação, as respostas obtidas ainda estavam distantes do objetivo proposto. Apesar de confirmarem a possibilidade de transformação da paisagem, as falas dos participantes ainda

direcionavam para a perspectiva da adjetivação estética do espaço. Ou seja, para estes alunos a paisagem pode deixar de existir caso apresente algum processo de degradação ou tenha a estética alterada, a partir de inserções de elementos e objetos que a descaracterizem. Isto demonstra uma certa consolidação deste tipo de entendimento, que sugere problemas quanto ao uso e aplicação do substantivo paisagem em contextos diferentes, na qual se distancia da abordagem geográfica.

Em relação ao conhecimento dos alunos sobre o estado de Goiás, a atividade identificou que os saberes iniciais dos discentes correspondiam aos aspectos turísticos do território goiano, com uma pequena predominância dos aspectos físico-naturais. Isso demonstra a existência de uma lacuna sobre a compreensão de demais elementos referentes ao conteúdo, sobretudo aqueles relacionados à organização e dinâmica socioespacial, além de evidenciar a fonte de informações utilizadas pelos alunos, muito provavelmente ligada aos meios de comunicação.

Estas noções apontadas foram superadas a partir da terceira etapa, com a exposição de definições adicionais sobre o conceito, na qual permitiu chamar a atenção do aprendiz para a importância e amplitude da concepção geográfica da paisagem, destacando que tal definição está para além das concepções comuns construídos pelo conhecimento cotidiano.

O contato com o ambiente externo à escola também possibilitou para os participantes a compreensão de como a diversidade de fatores naturais, sociais, econômicos e culturais compõe o espaço goiano e se evidenciam em diferentes paisagens. Isso proporcionou também para os alunos a formulação de compreensões adicionais sobre o assunto, onde as interpretações mais amplas sobre o tema foram possíveis de serem estabelecidas, devido ao aporte material mais fundamentado oportunizado pela atividade.

Considerações finais

Ao se trabalhar o conceito de paisagem somente no espaço escolar nota-se nas concepções apresentadas pelos alunos um forte vínculo com a definição vocabular cotidiana, mesmo o conceito apresentando diversas bases teórico-metodológicas da ciência geográfica. Isso torna o processo de ensino-aprendizagem complexo e desafiador para o docente, pois o entendimento do conceito de paisagem para o discente perpassa um sentido polissêmico.

Mesmo diante da importância do conceito de paisagem para o ensino de Geografia, ainda foi possível perceber na atividade que a compreensão do conceito permaneceu pouco clara para os alunos. Isso ficou perceptível durante as falas dos discentes, em que o caráter essencialmente descritivo dos ambientes persiste, remetendo a ideia de que a paisagem esteja apenas ligada a operação mental de descrição dos ambientes. Deste modo, fica evidenciado que o entendimento do conceito foi realizado de maneira restrita ao aspecto da observação visual e momentânea, desconsiderando os fatores associados na formação da paisagem, bem como a sua dinâmica.

Apesar desta constatação, a proposta teórico metodológica apontou que o uso do ambiente museológico oportunizou a abertura de caminhos didáticos complementares ao comumente realizado em sala de aula, pelo fato de dispor elementos que dão materialidade as definições mais abrangentes e complexas do conceito de paisagem. Com este tipo de atividade foi possível entender a paisagem enquanto conceito ligado à dinâmica espacial, pelo qual se pode estabelecer leituras sobre os seus aspectos mais relevantes, ampliando a relação de aprendizagem do conceito para além da mera contemplação visual do espaço.

Diante desta situação, verifica-se a necessidade de adotar com maior recorrência práticas educativas em museus que remetem, de certo modo, uma abordagem espaço-temporal. Isso permite que se desperte nos alunos uma compreensão geográfica para os demais conceitos, temas e conteúdos, visando a construção de um entendimento geográfico mais totalizante em termos processuais.

Referências Bibliográficas

BERTRAND, Georges; BERTRAND, Claude. A Paisagem entre a natureza e a sociedade. In: PASSOS, Messias Modesto (Org). **Uma geografia transversal e de travessias**. Maringá, PR: Massoni, 2007.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. Revista **RA´E GA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR.

BRASIL. Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; JULIASZ, Paula Cristiane Strina. Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. **Acta Geográfica**, p. 160-178, 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas: Papirus, 2011.

FELÍCIO, Willian. Franco. **A paisagem nas aulas de geografia:** práticas de ensino e o olhar de jovens escolares do ensino médio de Goiânia. 2021. 104 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

FREIRE, Laurecy Rodrigues. **A paisagem no ensino de Geografia:** reflexões a partir da abordagem de professores e livros didáticos de ensino médio. Dissertação (Mestrado em Geografia) –

Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Nacional, 2018.

GOIÁS. Secretaria Estadual de Educação. **Currículo referência do ensino médio**. Ciências Humanas. Goiânia, 2013.

MACIEL, Ana Beatriz Câmara; LIMA, Zuleide Maria Carvalho. O conceito de Paisagem: diversidade de olhares. **Sociedade e Território**, v. 23, n. 2, p. 159-177, 2012.

MENDES, Samuel Oliveira; OLIVEIRA, Ivanilton José; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de Abordagens do Cerrado em livros didáticos de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 6, n. 12, p. 179-208, 2016.

SABOTA, Heitor Silva. Ensino da Paisagem: o museu como espaço educativo. In: BUENO, Míriam Aparecida; DE LA VEGA, Alfonso Garcia (Orgs). **Paisagem e Ensino de Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____**. Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2002.

TRILLA, Jaime. A Educação Não Formal e a Cidade Educadora: duas perspectivas do universo da educação. **Revista Galega do Ensino**, 1999.

Recebido em 31 de agosto de 2022.

Aceito para publicação em 13 de abril de 2023.